
Tchouk o quê? Tchoukball: que esporte é esse?

Jacqueline Cristina Jesus Martins
CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

O CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano, local onde aconteceram as experiências aqui relatadas, está localizado no Km 11 da Rodovia Raposo Tavares, no bairro do Butantã, zona oeste da cidade de São Paulo. O estabelecimento de ensino atende apenas a Educação de Jovens e Adultos e se caracteriza por ter espaços físicos menores que as Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio, pois o prédio em que a unidade escolar está alocada é uma casa que foi reformada para receber a escola. Não possui quadra ou outro espaço apropriado para a realização das aulas de Educação Física, por isso as aulas acontecem na rua em frente à escola.

O trabalho foi realizado durante o segundo semestre do ano de 2017 com as turmas dos módulos 1, 2 e 3 dos períodos da manhã e da tarde. O módulo 1 se refere a etapa inicial, o módulo 2 se refere a etapa básica e o módulo 3 se refere a etapa complementar da Educação de Jovens e Adultos. As aulas acontecem uma vez por semana.

As turmas que participaram do trabalho aqui relatado são compostas por adolescentes e jovens, homens e mulheres trabalhadores, idosos e idosas e pessoas com deficiência. Dentre todas as turmas que participaram do trabalho, temos estudantes com Síndrome de Down, Síndrome de Prader Willi, Deficiência Intelectual, Alunas Surdas, estudantes com deficiência física com e sem uso de cadeiras de rodas, e estudantes com deficiência múltipla (intelectual e física).

Para a seleção da prática corporal a ser estudada durante o segundo semestre de 2017, levei em consideração o que havíamos estudado no primeiro semestre do ano (*slackline* e golfe), e notei que as duas práticas corporais tematizadas foram práticas individuais. Atenta ao Projeto Político Pedagógico da escola e às nossas discussões realizadas nos horários coletivos (JEIF e PEA) – onde estávamos estudando/discutindo a participação dos adolescentes e jovens em nossa escola, e entendo que seria necessário tematizar uma prática corporal que fosse mais atrativa aos mais jovens, pois eles haviam avaliado a tematização do golfe pouco desafiadora e desinteressante. Logo no retorno as aulas no segundo semestre, ao conversar com os estudantes sobre o que estudaríamos em nossas aulas, identificamos muitas falas reclamando da impossibilidade de realização de alguns esportes coletivos como handebol e futebol, percebi aí um interesse pelos esportes

coletivos. A partir dessas observações, em pesquisas que realizei, identifiquei que o *tchoukball* seria uma possibilidade de tematização, pois seria possível ser realizado no espaço que dispomos para as nossas aulas: a rua em frente à escola, à margem da Rodovia Raposo Tavares – o que nos causa uma série de restrições para a realização de algumas práticas. Para tanto, seria necessário a compra dos quadros de remissão – material para a realização do jogo – e ao solicitar, a escola prontamente atendeu ao meu pedido e comprou os quadros. Vale ressaltar que não é um material barato, e a decisão da escola por comprar o material nos apresenta uma valorização do componente curricular dentro da escola.

Em nossa primeira aula, apresentei a proposta do estudo de um esporte coletivo e expliquei que devido à restrição espacial que tínhamos, eu estava sugerindo um esporte pouco conhecido no Brasil, chamado *tchoukball*. Perguntei se alguém o conhecia, se já havia visto ou ouvido falar, e em todas as duas turmas as respostas foram negativas. Os estudantes ficaram desconfiados por não conhecer essa prática corporal, e combinamos de experimentá-la, e a nossa decisão de estudá-lo ou não partiriam das nossas experiências. Iniciei a falando sobre como funciona o esporte e apresentando o material (bola e quadro de remissão). Também demonstrei alguns arremessos. Logo de cara todos acharam interessante essa nova experiência de arremessar e receber a bola no quadro. Expliquei também que utilizaríamos a bola de vôlei no lugar da bola de handebol, pois por questões de segurança (a presença de idosas/idosos e de pessoas com deficiência) a bola de vôlei nos permitiria arremesso com menos força. Expliquei as regras, e a grande maioria ficou confusa, pois o fato de não haver um campo ou um aro de cada equipe rompe com as lógicas dos esportes coletivos, e isso causou algumas dúvidas. Após a apresentação do material e da explicação do funcionamento do jogo, passamos então a experimentação do *tchoukball* com atividades individuais e coletivas de arremessos e defesas da bola no quadro de remissão. Essas primeiras experiências foram importantes para os estudantes vivenciassem esses novos movimentos e reconhecessem as diferentes formas de lançar e receber a bola, visto que essas ações se diferenciavam de todas as práticas que já realizamos em nossas aulas.

Ao final da aula conversamos sobre o *tchoukball*, apresentei sua origem, enfatizando que foi um esporte concebido por um médico, a partir de estudos, na tentativa da criação de um esporte sem contato entre os participantes, para que se diminuísse o número de lesões por contato. Também apresentei uma denominação que o *tchoukball* carrega consigo, o de ser o “esporte da paz”. Expliquei que devido ao fato de não haver

contato entre os jogadores, o esporte recebeu esse nome, pois essa ausência de contato afasta a existência de brigas e confusões. Os estudantes se apresentaram empolgados e curiosos em aprofundar os conhecimentos a respeito dessa prática corporal nova, alegaram que o fato de ser um esporte novo seria interessante.



Espaço utilizado para a realização das aulas de Educação Física

Na aula seguinte, entendemos que antes de realizarmos os jogos, eram necessárias mais experimentações dos passes, das diferentes formas de arremessar a bola e de defendê-la. Nessa aula, os estudantes criaram estratégias para a realização dos movimentos, observavam a aplicação de força, calculavam a distância necessária para o arremesso no quadro de remissão e davam dicas entre si, sugerindo lançar no centro do quadro, e apresentando formas mais fáceis de segurar a bola. Notei que estavam construindo as suas gestualidades e as suas estratégias para a realização do jogo. Nessas aulas, a única flexibilização necessária para os estudantes com deficiência foi a utilização da bola de espuma para os que não estavam conseguindo lançar e receber, dessa forma a bola não os machucaria. Para as três estudantes surdas, a cada exercício apresentado, realizávamos a demonstração para que elas visualizassem o que era para ser feito.



Experimentando o quadro de remissão



Experimentando o quadro de remissão

A partir daí, estabeleci os nossos objetivos do trabalho, com a intenção de nortear os nossos estudos:

-
- Conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos estudantes a respeito do esporte coletivo *Tchoukball*.
 - Experimentar e vivenciar o *tchoukball*;
 - Entender as regras e o funcionamento do esporte;
 - Conhecer o contexto de origem da criação desse esporte e como se deu a construção da sua nomenclatura como “esporte da paz”;
 - Reconhecer características e regras que se assemelham e se diferenciam de outros esportes coletivos;
 - Organizar estratégias de jogo pensando nas ações coletivas.

A escolha desses objetivos conduziu as ações pedagógicas durante todo o semestre. Dentre os conteúdos estudados, tivemos a gestualidade presente na manifestação corporal *tchoukball*: os fundamentos (arremessos, passes e recepção) e as táticas de jogo, o histórico, as regras e curiosidades sobre a modalidade, inclusive a sua denominação como “esporte da paz”. Também abordamos a importância do equilíbrio técnico entre as equipes, com a intenção da construção de uma prática que reconhecessem as diferenças presentes na escola.

Dando continuidade ao trabalho, percebemos que os estudantes já estavam familiarizados com o material e já haviam construído os movimentos necessários para a realização do jogo. Apresentamos então alguns vídeos retirados do *youtube*, que apresentavam a história da modalidade, as regras e as jogadas. A assistência do vídeo foi bem interessante. Os estudantes gostaram de saber a origem do nome do esporte, ficaram surpresos com algumas jogadas e também apresentaram dificuldades na compreensão das regras. Como eu não consegui vídeos com descrição em LIBRAS, para as estudantes surdas, a professora explicou o conteúdo do vídeo antes, para que elas pudessem observar as jogadas, e após o vídeo retomou a explicação do que foi apresentado no vídeo, pois não seria possível fazer a tradução ao mesmo tempo do vídeo, porque ou elas assistiam o vídeo ou olhavam para a professora traduzindo.



Assistindo os vídeos sobre o Tchoukball

Na tentativa de tentar ajudar no entendimento das regras, fomos para a nossa “quadra” colocar em jogo o que havíamos visto. Alguns estudantes, que possuem experiências em outros esportes coletivos demonstraram um certo desinteresse pelo jogo, pois a impossibilidade de “roubar” a bola, e a falta de dinâmica do jogo acabou por deixá-lo chato. Além disso, muitas faltas aconteciam por deixarem a bola cair no chão, e muitas vezes os estudantes com deficiência eram os que deixavam a bola cair. Essa aula acabou por gerar em mim uma desconfiança se deveríamos dar prosseguimento ou não aos estudos do *tchoukball*.

Nas aulas seguintes, na tentativa de melhorar a realização dos jogos, com a ajuda das estagiárias que estavam me acompanhando nas aulas, demonstramos as regras através de jogadas, exemplificadas passo a passo. Essa estratégia foi uma boa opção, pois os estudantes visualizavam as jogadas e tiravam as dúvidas no momento das ações. Nessa aula, percebemos algumas falas comparando e diferenciando o *tchoukball* de outros esportes coletivos. Essas relações ajudaram os estudantes a compreender um pouco mais a lógica desse novo esporte. Mesmo com esses avanços, tivemos dificuldade em equilibrar os times para o jogo, visto que as questões de mobilidades comprometem bastante a formação das equipes, e essa dificuldade está tanto entre as pessoas com deficiência como com os idosos. É preciso lembrar que nas turmas, a faixa etária vai de 15 às 65 anos. Mesmo com essas dificuldades, percebemos uma melhora na dinâmica do jogo um espírito competitivo começando a aparecer em algumas turmas, principalmente entre os mais jovens e os homens.

Pensando nas dificuldades apresentadas nas aulas anteriores, resolvi realizar algumas flexibilizações e adaptações em algumas turmas. Para garantir a participação dos estudantes com deficiência e com mobilidade reduzida, e dos que não conseguiam lançar e receber a bola com facilidade, permitimos que esses estudantes recebessem a bola em suas mãos e também que os demais estudantes pudessem vir até eles para receber a bola, sem a necessidade dela ser lançada. Em uma turma, uma estudante, que possui um problema de locomoção, participava sentada em uma cadeira, colocávamos ela sentada na lateral da quadra e por ter facilidade em lançar e receber a bola ela participava do jogo, apenas com o diferencial de estar sentada. Para os estudantes que utilizam a cadeira de rodas, levávamos a bola até eles e conduzíamos a suas cadeiras para o lançamento no quadro. Essas alterações pouco interferiram na dinâmica do jogo, e garantiram a participação de todos.

Após algumas aulas percebemos que os jogos estavam acontecendo, inclusive com muita competição e já haviam turmas tentando formar “painéis” para a montagem das equipes. Esse foi o momento em que aproveitamos para falar da importância de equipes equilibradas na realização de qualquer esporte coletivo. Essa discussão foi bem interessante, os estudantes apresentaram alguns exemplos de outros esportes. Nesse momento também discutimos a participação dos estudantes com deficiência em nossas aulas. Percebemos que em alguns jogos mais disputados, os estudantes com deficiência pouco recebiam a bola e em alguns jogos quase não participavam. Reafirmamos que nas nossas aulas, o importante era a construção de forma de jogar onde todos pudessem participar, afinal eles são estudantes da escola e possuem os mesmos direitos. Posteriormente a essa discussão percebemos mudanças no comportamento dos estudantes, mas em uma turma, em alguns momentos era necessário fazer falas lembrando da importância da participação de todos. Percebemos que essas ações estavam relacionadas ao envolvimento dos estudantes com o jogo.



Jogando o Tchoukball

Durante a realização dos jogos, percebemos que as equipes não utilizavam de ações coletivas, e que não haviam criado estratégias de jogo. Também notamos que lançavam a bola no quadro de remissão de qualquer forma, sem intenção de tentar colocar a bola no chão, em um local sem defesa. A partir dessas observações organizamos nas próximas aulas atividades que intencionavam essas organizações coletivas e essas ações. Em uma das atividades, os estudantes lançavam a bola no quadro de remissão com a intenção da bola retornar dentro de bambolês posicionados no chão. Em outra aula foram colocados cones com cabos de vassoura em diferentes distancias e ângulos do quadro de remissão, na tentativa de que os estudantes fizessem arremessos com intenções de acertar os alvos. Também realizamos desafios em duplas, com arremessos e defesas. Essas ações foram interessantes, e pudemos perceber o quanto alguns estudantes tinham melhorado

nos aspectos de lançar e receber a bola, inclusive os estudantes com deficiência. Esse aspecto também havia contribuído para a melhoria do jogo. Mesmo não sendo o objetivo central do trabalho, essa melhora técnica nos proporciona novas ações nos jogos, o que conseqüentemente propicia novas possibilidades de problematização.

Um outro ponto que permeou o trabalho, está relacionado à uma das características da EJA, há uma grande quantidade de estudantes faltosos, além de estudantes que se matriculam nas turmas em diferentes momentos. Essa rotatividade nos faz ter que retomar as regras, o histórico, a organização do jogo em todas as aulas, mas percebemos que isso não estava sendo ruim, pelo contrário, ao retomar o que já havia sido feito para os estudantes que faltaram ou para os novos, o restante da turma acabava por relembrar.

Vale ressaltar, que alguns estudantes sem deficiência passaram a auxiliar muito os estudantes com deficiência, e essa ajuda não é no plano do assistencialismo, muitas vezes é na cobrança de que eles realizem as atividades, é nos momentos em que parabenizam quando eles conseguem, é na colaboração fazendo duplas com eles, enfim, e a ampliação da participação de todos foi acontecendo sem a necessidade da nossa intervenção. Entendemos que essas ações compõem um processo de inclusão dos estudantes com deficiência em nossas aulas, e isso nos alegra muito, pois entender as pessoas com deficiência como sujeitos de direito, assim como os demais estudantes, que devem participar das aulas é o que acreditamos ser a inclusão escolar.

Percebemos que já havia uma compreensão a respeito do esporte, que o jogo já acontecia e haviam montado esquemas táticos. Na intenção de ampliar e tentar experiência mais intensa com esse esporte, sugeri realizarmos uma vivência no Parque da Previdência – local próximo da escola, onde poderíamos ir a pé até lá. Prontamente todas as turmas aceitaram.

No dia da vivência do *tchoukball* no parque, foram as turmas dos módulos 1, 2 e 3. Em todos os horários as turmas foram numerosas. Os estudantes foram divididos em equipes, misturando os estudantes de todas as salas. Montamos a “quadra”, em um espaço gramado com dimensões bem maiores do que as que usamos na escola. Foi uma experiência muito bem avaliada pelos estudantes. Inicialmente tiveram dificuldades pela diferença de espaço, mas depois foram se organizando de forma que os jogos ficaram disputados e equilibrados. Muitos estudantes apontaram novas formas das equipes se organizarem para que os lances de ataque e defesa fossem mais efetivos.



Vivência do jogo de Tchoukball no parque

Em um dos horários de aula, havia a presença de 4 estudantes usuários de cadeira de rodas. Para a viabilização dos jogos, os professores e estagiário conduziam as cadeiras (pois nos quatro casos eles não conseguem conduzir a própria cadeira).



Vivência do Tchoukball no parque

Na aula seguinte, após a vivência no parque, logo no começo da aula alguns alunos solicitaram uma nova aula no parque, pois apontaram que a aula foi muito mais legal e o jogo ficou muito melhor. Afirmei que veríamos a possibilidade e aproveitei para questionar uma das afirmações que o *tchoukball* carrega consigo, o título de “esporte da paz”. Questionei sobre alguns episódios que aconteceram nos jogos e nas últimas aulas. Onde aconteceram alguns desentendimentos por questionarem se foi falta ou não, se a bola havia saído ou não e até de algumas provocações de quem havia feito ponto ou uma defesa. *Será que não há briga no tchoukball?*, questionei. *Será que ser da paz, significa ausência de conflitos?* Essa problematização colocou em xeque o título que o esporte carrega consigo, e os estudantes afirmaram que em qualquer atividade em que haja competição haverá desentendimentos. Afirmei que tentaria descobrir de onde vinha o termo “esporte da paz”.

Percebendo a aproximação do fim do ano letivo, entrei em contato com um jogador de *tchoukball* e o convidei para vir até a escola fazer uma conversa e uma vivência

com os estudantes. Ele se disponibilizou a vir e marcamos a data. Sabendo da visita desse praticante da modalidade, deixei para que ele explicasse o título de “esporte da paz”, visto que ele traria explicações para além do que eu já havia pesquisado – esporte sem contato físico.

Na semana seguinte teríamos um sábado letivo – reposição de ponte do feriado – onde realizaríamos a aula na própria escola. A pedido dos estudantes organizamos nesse sábado uma nova vivência de *tchoukball* no parque, na visão dos próprios estudantes seria mais interessante para um sábado ir jogar *tchoukball* do que ter aulas na escola. Confesso que essa atitude dos estudantes me deixou feliz, pois eles estavam interessados no que estávamos estudando nas aulas de Educação Física.

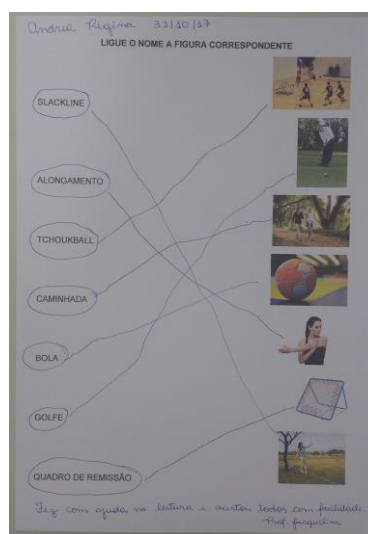
No sábado marcado realizamos mais uma vivência no parque, mas dessa vez, por ter chovido durante a madrugada tivemos um número menor de estudantes, apenas dois times, mas que segundo eles: *valeu a pena pois não precisava ficar de próximo*. É interessante ressaltar que nesse dia tivemos adolescente, homens e mulheres. Percebi um dos objetivos da escola, que era a aproximação dos estudantes mais jovens das atividades da escola estava acontecendo em nossas aulas, e que a escolha do *tchoukball* talvez tivesse contribuído com essa participação, pois em pleno sábado eles estavam no parque para a atividade de reposição.

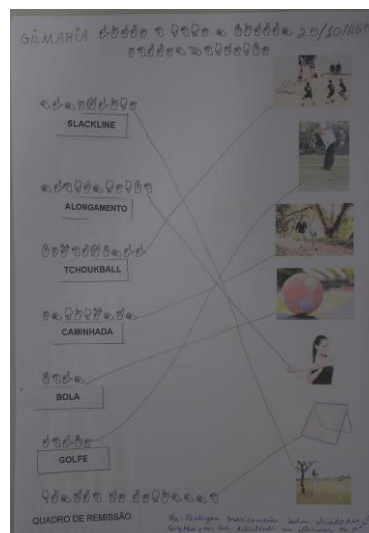
Na aula seguinte o jogador Archimedes, da seleção brasileira de *tchoukball* esteve em nossa escola para conversar com os estudantes e fazer uma vivência com eles. Foi muito interessante. Os estudantes fizeram perguntas de diferentes tipos, compararam as respostas com o que havíamos visto nos vídeos e nas nossas aulas. Em seguida fez vivências práticas com os estudantes demonstrando o som “tchouk”, que a bola faz no quadro, que deu origem ao nome; mostrou jogadas novas, explicou novos arremessos e jogou com os estudantes. Por fim nos esclareceu que a denominação “esporte da paz”. Ele nos informou que nesse esporte há brigas e desentendimentos sim, mas que há um acordo entre os participantes na tentativa de deixar o esporte mais justo e equilibrado, mas que essa denominação se deu a partir de uma recomendação que a ONU (Organização das Nações Unidas) fez a respeito do esporte. Por conta da ONU ser uma entidade voltada para a paz, associaram esse termo ao esporte.



Visita do jogador de Tchoukball

Após essa visita, encerramos o trabalho com um registro escrito sobre o que estudamos durante o semestre. Considero que registros escritos com os estudantes que estão na etapa de alfabetização, principalmente na EJA precisam estar em conformidade com a fase de lectoescritura dos estudantes, pois pode acabar por constranger os estudantes, ou em alguns casos, não representam o que foi apropriado por eles durante o trabalho. Durante o trabalho com o *tchoukball*, realizei um registro coletivo, sendo a professora a escriba e ao final, realizei um registro escrito individual, mas com suporte textual, para que o mais importante fosse o conhecimento adquirido e não a escrita. Sem contar que *tchoukball* não era muito fácil de ser escrito por quem está se alfabetizando. Para os estudantes com deficiência fiz 4 tipos de registros, de forma que tentei oferecer a cada estudante o que lhe era possível de fazer, mas todos associados ao que estudamos nas aulas de educação física. Em um dele era preciso apenas reconhecer os materiais das aulas, outro tinha as imagens dos esportes estudados e o nome, precisando apenas ligar, mas que foi feito com ajuda, para as estudantes surdas, utilizei a fonte libras, e o escrito era a datilologia, elas estavam no momento em que estavam aprendendo LIBRAS. Enfim, oportunizamos a todos os estudantes a possibilidade de registrar os seus conhecimentos. Em alguns casos filmamos o momento em que realizamos o registro.





Diferentes tipos de registros escritos, utilizados com os estudantes com deficiência

É importante ressaltar que durante todo o trabalho, a cada aula fiz o registro em meu caderno de bordo. Nesse caderno são registradas falas, perguntas, comportamentos dos estudantes e observações que eu fazia sobre a aula – entre ela erros e acertos na organização das aulas, dos tempos, dos espaços, etc. Dessa forma, conseguia pensar as próximas ações didáticas a partir do que aconteceu na aula. Essa avaliação diária da aula, me permitiu organizar ações didática mais próximas do que os estudantes estavam solicitando.

As conversas com os estudantes também são indicadores avaliativos, pois estabelecer um diálogo com os estudantes é uma forma de percebermos o que está sendo compreendido dos nossos estudos.

Durante todo o trabalho também registrei o processo através de filmagens e fotografias, esse recurso me ajuda muito a observar coisas que não notei no momento da aula, além de ser um recurso que utilizo muito com os estudantes com deficiência, pois na ausência de registros escritos, entrevistas e vídeos deles realizando as atividades são importantes para o registro do seu percurso escolar.

Durante todo o trabalho, o que foi avaliado é conhecimento apropriado sobre o tema estudado e a participação na construção de um espaço democrático de respeito às diferenças para a realização das práticas.

Ao analisar todos os registros produzidos, ao ouvir as falas dos estudantes, ao assistir os filmes das aulas, finalizei o semestre acreditando que tínhamos realizado um trabalho que havia proporcionado aos estudantes entrar em contato com diferentes experiências e isso lhes proporcionaram aprendizagens diferentes. Se no começo do trabalho eu havia me questionado se deveria ou não continuá-lo, pois a prática era distante

da realidade dos estudantes, ao final entendi que mesmo sendo um esporte distante dessa realidade, as ações didáticas lhes oportunizaram outras ações que foram importantes para a sua formação. Momentos de prazer durante as aulas, momentos em que reconheceram as pessoas com deficiência como sujeitos de direitos, momentos em que as suas vozes foram valorizadas, enfim, por mais que a tematização do *tchoukball* não tenha se aproximado da realidade desses estudantes, a tematização desse esporte foi importante tanto pela ampliação dos conhecimentos de diferentes práticas corporais que existe em nossa sociedade como também pela possibilidade de reconhecimento das diferenças presentes nas turmas e na valorização das vozes dos estudantes.